

# FORMAÇÃO DA COLEÇÃO DE OBJETOS DO PERÍODO FARROUPILHA PERTENCENTE AO MUSEU JULIO DE CASTILHOS

## FORMATION OF PART OF THE FARROUPILHA COLLECTION BELONGING TO THE JULIO DE CASTILHOS MUSEUM

*Lucas Antonio MORATES<sup>1</sup>*

*Lizete Dias de OLIVEIRA<sup>2</sup>*

**Resumo:** o presente artigo analisa a formação de parte da coleção Farroupilha pertencente ao Museu Julio de Castilhos, na cidade de Porto Alegre, e como a Instituição vem utilizando essa coleção, principalmente na exposição “A Sala Farroupilha”, a pesquisa tem como base a documentação disponível nos arquivos do Museu. O artigo também busca demonstrar como a Exposição Farroupilha em 1935, que comemorava os cem anos do início do conflito, influenciou na formação da coleção e apresenta aspectos de como o Museu Julio de Castilhos se inseriu no contexto da Exposição de 1935.

**Palavras-chave:** museus; Museu Julio de Castilhos; Coleção Farroupilha; Revolta Farroupilha; Exposição Farroupilha.

---

1 Museólogo da Universidade Federal do Pampa. E-mail: lucas.morates@gmail.com

2 Professora do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: lee7@ufrgs.br

**Abstract:** this article analyzes the formation of part of the Farroupilha collection belonging to the Julio de Castilhos Museum, in the city of Porto Alegre, and as the Institution has been using this collection, mainly in the exhibition "Sala Farroupilha", the research is based on available documentation In the archives of the Museum. The article also seeks to demonstrate how the Farroupilha Exhibition in 1935, which commemorated the one hundred years after the beginning of the conflict, influenced the formation of the collection and presents aspects of how the Julio de Castilhos Museum was inserted in the context of the 1935 Exposition.

**Keywords:** museum; Museum Julio de Castilhos; collections; Farroupilha Revolt, Farroupilha Exposition.

## Introdução

O Museu Julio de Castilhos (MJC), criado com o nome de Museu do Estado, foi o primeiro a ser fundado no Rio Grande do Sul. Sua história tem início com a assinatura do Presidente da Província Antonio Augusto Borges de Medeiros, do Decreto nº 589 de 30 de Janeiro de 1903, estabelecendo como objetivo do MJC:

reunir e classificar os produtos do Rio Grande do Sul e todos os elementos que possam ser úteis ao estudo antropológico de seus primitivos habitantes, colecionar artefatos indígenas que tenham qualquer valor etnológico assim como os produtos de ciência, indústria e artes modernas, documentos históricos de qualquer gênero (Decreto nº 589)<sup>3</sup>.

Assim como o Museu Julio de Castilhos, atualmente existem vários museus no Estado do Rio Grande do Sul dedicados à história regional e local. Grande parte desses museus são ramificações dos grandes museus que se desenvolveram junto com os estados-nação que surgiam na Europa no século XIX, associados à ideia de formar uma identidade nacional, tendo como base a cultura material de sociedades pretéritas. Tais espaços tornaram-se os lugares por excelência onde se constrói se modifica e se difunde uma narrativa do passado dos recém-criados Estados Nacionais, com base na constituição de acervos e na forma de exposição dos seus objetos.

Em 2013, de acordo com o site institucional, o acervo do MJC era composto de mais de onze mil peças<sup>4</sup>, divididas em 29 coleções dos diferentes períodos da história sul-riograndense. Dentre as coleções, apontamos: Iconografias, Indu-

---

3 Decreto Estadual n. 589, de 30 de janeiro de 1903 (Arquivo do Museu Julio de Castilhos)

4 Site da Instituição [http://museujuliodecastilhos.blogspot.com.br/..](http://museujuliodecastilhos.blogspot.com.br/)



mentárias, Armarias, Etnologia, Escravista, Documentos, Máquinas, Utensílios Domésticos, Objetos de Uso Pessoal, Objetos das Missões. Atualmente, como não existe uma Coleção Farroupilha, os objetos ligados a esse momento histórico estão catalogados conforme sua categoria como, por exemplo; as roupas pertencem à Coleção Indumentária, os quadros pertencem à Coleção Iconografia, as lanças a Coleção de Armaria, e assim sucessivamente.

O visitante encontra parte do acervo institucional exposto em quatro salas de exposições de longa duração e duas salas para exposições temporárias. As salas de exposição de longa duração são: Sala Julio de Castilhos, Sala Indígena, Sala Missioneira e àquela que dedicamos esse estudo, a Sala Farroupilha.

A Sala Farroupilha narra a história desse episódio transformado no mito criador do Estado do Rio Grande do Sul por meio da exposição de trinta e oito objetos. A Revolução Farroupilha é um dos temas mais pesquisados na historiografia sul-riograndense, a partir das mais diversas óticas. Admitindo a importância desse momento histórico que foi adquirindo relevância no imaginário e na construção da identidade do gaúcho sul-riograndense, aliado à importância dos espaços museais nesse processo de formação de identidade, analisamos a aquisição dos objetos ligados ao período Farroupilha pertencentes ao acervo do Museu Julio de Castilhos, principalmente através da perspectiva da documentação e dos próprios objetos do período e de sua expografia. A expografia está sendo usado de acordo com a definição de Marília Xavier Cury (2005), como uma parte da Museografia que visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição (CURY, 2005: 27).

Dentro da documentação pesquisada estão, as atas do Museu e a documentação expedida e recebida pela instituição referente ao tema, que evidenciam a formação do acervo, principalmente por meio das aquisições feitas, a partir de 1933, para a Exposição Farroupilha de 1935.

## **Centenário Farroupilha: a gênese do acervo**

Entre as medidas tomadas para destacar o progresso do Estado, estava uma grande exposição em comemoração ao Centenário da Revolução Farroupilha. Com o objetivo de colocar Porto Alegre e o Rio Grande do Sul em destaque, mostrando aos visitantes seus avanços econômicos, sociais e industriais, essa exposição influenciaria diretamente na configuração do acervo do Museu Julio de Castilhos referente a esse período.



A exposição contava com a presença de expositores internacionais, que ostentavam suas bandeiras com grande destaque. Dos expositores nacionais, alguns estados criaram pavilhões próprios, como Santa Catarina, Paraná, Pará, São Paulo, Distrito Federal e Minas Gerais. A eficiência na divulgação da Exposição refletiu-se no número de visitantes, que “chegou a mais de um milhão, em um momento em que Porto Alegre chegava aos seus trezentos mil habitantes”. (FOCHESATTO, 2011: 5)

O Pavilhão Cultural foi um dos que mais se destacaram na Exposição. Instalado em salas da Escola Normal, futuro Instituto de Educação General Flores da Cunha, nele estavam expostas “todas as fases do nosso desenvolvimento cultural” (Revista do Globo, edição especial nº23). Era no Pavilhão Cultural que estavam os objetos do Museu Julio de Castilhos, divididos em sessões que incluíam História, Geografia e correlatos, História Natural, Ciências, Letras e Artes, além de coleções de Filatelia e Numismáticas de particulares.

A constituição do Pavilhão Cultural pode ser acompanhada pela leitura da documentação do MJC, principalmente das atas e ofícios expedidos pelo museu, no período de 1933 a 1936, quando se preparava a exposição do Centenário Farroupilha. A preocupação com a formação da exposição abrangia a pesquisa museográfica, a divulgação da documentação escrita do Período Farroupilha e dos periódicos do período, assim como a aquisição de peças para o museu.

Em 13 de fevereiro de 1933, o diretor interino do MJC, Eduardo Duarte, dirigiu-se ao Diretor Geral da Secretaria do Interior, órgão ao qual o Museu estava vinculado, solicitando a publicação no Arquivo Nacional da documentação atinente ao “decenal” movimento. No mês seguinte, na ata do dia 01 de março de 1933, registra a aquisição de exemplares dos jornais que veiculavam os ideais Farroupilhas: *O Povo* (1838-1840) e *o Americano* (1842-1843). Em 03 de abril de 1933, mais um exemplar de *O Povo* e um de *O Mensageiro* (1835-1836) foram incorporados aos acervos. Esses jornais contemporâneos à Revolução são documentos importantes para a história da revolta de 1835. Durante essa pesquisa, o visitante que tivesse acesso a Sala Farroupilha poderia observar um exemplar fac-similado do jornal *O Povo* adquirido em 1933.

O ofício do dia 5 de abril de 1935, enviado ao Secretário de Negócios do Interior e Exterior, confirmava a participação do MJC nas comemorações do Centenário. Tal documento indicava que a organização da Seção I, sobre “História, Geografia e Correlatos” do Pavilhão Cultural estava a cargo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, o qual designou uma comissão, composta por Othelo Rosa e do então diretor do MJC, Eduardo Duarte. A comissão resolveu que o MJC seria representado pelo seu acervo,

[...] que é tão precioso, e expondo, de modo especial o elevado número de relíquias que possui evocativas do memorável decênio. Sua coleção de paleoetnografia (sic) (estudos relativos a documentos, códices, memórias, artefatos indígenas)”. (Acervo Julio de Castilhos Atas e Ofícios 1933-1936).

O acervo de zoologia do MJC também incorporou o Pavilhão Cultural, conforme consta em correspondência do dia 09 de abril de 1935, firmada pelo Comissário Geral das Comemorações ao General J.A. Flores da Cunha:

[...] em virtude da organização da seção de Zoologia do Pavilhão Cultural, temos necessidade de retirar do Museu do Estado, algumas espécies de animais emalhados e outros materiais zoológicos para completar a coleção da Escola de Engenharia que vai ser exposta”. (Acervo Julio de Castilhos, Atas e Ofícios 1933-1936)

Além do acervo já pertencente ao Museu, houve também a preocupação de produzir documentos iconográficos que narrassem visualmente a Revolução Farroupilha. Em ofício de 14 de maio de 1935, o Diretor do MJC confirma ao Secretário de Negócios do Interior e Exterior que encarregados já haviam percorrido o Município de Viamão para escolher sítios e prédios históricos “dignos de figurar na coleção Farroupilha da futura pinacoteca histórica desse museu”. Tais telas deveriam, segundo o ofício citado, ser expostas no Pavilhão Cultural, estavam sendo “[...] executadas pelo pintor Luiz Curia”. (Acervo Julio de Castilhos, Atas e Ofícios 1933-1936). O Diretor solicita a compra de material para execução das obras, como alguns metros de tela, tintas, pincéis. O mesmo documento anexa a lista de locais que Luiz Curia deveria pintar. No mesmo ano de 1935, a listagem do acervo iconográfico do MJC arrolava os quadros “Ponte da Azenha”, “Bento Gonçalves”, “Casa Branca”, todos expostos na Sala Farroupilha do Museu Julio de Castilhos.

Quanto à aquisição ou doação dos objetos do acervo, identifica-se, em alguns casos, a relação de parentesco dos doadores com os ex-proprietários dos objetos. Em 22 de agosto 1935, o MJC recebe de doação um móvel antigo da família Dirceu Ribeiro Moreira, que havia pertencido ao marechal Bento Manuel Ribeiro militar que, durante a Revolução Farroupilha, mudou de lado duas vezes, findando o conflito ao lado dos imperiais.

Na documentação aparece grande número de objetos oferecidos para a compra por parte do Estado. Em 09 de setembro de 1935, muito próximo à abertura da exposição, o Sr. Virgílio C. Lopes oferece uma espada que pertenceu a Bento Gonçalves. O diretor do MJC julgou que o objeto teria um imenso valor estimado e afirmou que “a espada foi usada pelo “herói Farroupilha no seu imorredouro

duelo com Onofre Pires” (Acervo Julio de Castilhos, Atas e Ofícios 1933-1936). No entanto, não faz nenhuma menção aos fatos de tal afirmação ter sido comprovada e de ainda não ter sido possível saber se o Museu adquiriu a espada.

Eram oferecidas, também, peças excêntricas, como o objeto oferecido por José Ildefonso de Oliveira, que se dedica ao comércio de objetos antigos e propõe ao MJC a compra de uma panela pertencente ao General Bento Gonçalves no dia 19 de novembro de 1935. Não foi possível apurar se a compra se concretizou, já que, nos documentos seguintes, não se faz nenhuma menção. Mas o certo é que o Museu recebeu objetos de uso doméstico do período Farroupilha, entre eles um conjunto de chá que está exposto na sala analisada.

Dentro das atas e ofícios expedidos e recebidos pelo MJC de 1933 a 1936, um documento sem data intitulado “O Centenário Farroupilha” faz menção à realização da Exposição Farroupilha: o museu e o arquivo histórico do Rio Grande do Sul, organizaram em sala especial do Pavilhão Cultural, quadros históricos, mapas, documentos avulsos, exemplos de edições fac-símiles dos jornais *O Povo*, *O Mensageiro*, *O Americano e a Estrela do Sul* (1843). O mesmo ofício faz referência a documentos que não foram possíveis editar, como a correspondência integral dos presidentes da província durante a *década memorável de 1835-1845*, os quais seriam editados por Jean Roche, em 1961 sob o título *L’administration de la Province du Rio Grande do Sul de 1829 à 1847*. Ainda no mesmo ofício o diretor lamenta não ser possível a publicação do volume terceiro da série “*Documentos interessantes para o estudo da Grande Revolução*”. O primeiro volume da série apresenta as edições *fac-símiles* do Jornal *O Povo*, já o segundo volume é composto pelas reimpressões das coleções completas dos jornais *O Mensageiro*, *O Americano e Estrela do Sul*.

Finalmente, aos vinte dias do mês de setembro de 1935, o governo do Rio Grande do Sul inaugurou a exposição em comemoração ao Centenário da Revolução Farroupilha:

Vinte de Setembro acordou em a nossa capital sob os mais acendidos entusiasmos cívicos. Nas primeiras horas da manhã, toda a população se dirigiu para o local onde as forças armadas iam realizar grande parada comemorativa do primeiro centenário da Revolução dos Farrapos” (Revista do Globo nº 27).

Nesses festejos, que não se detinham apenas a prestar homenagem cívica aos Farroupilhas, é onde temos a gênese parte significativa dos objetos farroupilhas que hoje compõem o acervo do MJC.



## Exposições com a temática Farroupilha

Quem visitou o Museu durante a pesquisa encontrou, no segundo andar do prédio anexo, a exposição Sala Farroupilha, que apresentava 38 objetos referentes ao período. Parte do acervo que compõe a Sala Revolução Farroupilha já foi utilizada em outras exposições temáticas, como veremos a seguir.

No Plano de Exposição para reabertura do Museu em setembro de 1972, estavam relacionadas obras referentes à época Farroupilha. Da listagem apresentada, nota-se o pouco uso de objetos dos legalistas monarquistas, exibindo apenas o retrato de João Manuel de Lima e Silva (tio de Duque de Caxias), Astrogildo Pereira da Costa (gaúcho que lutou ao lado do Império) e também o gaúcho João Francisco Vieira Braga (Conde de Piratini). Essa escolha dá indicativos de que a narrativa expográfica girava em torno dos vultos Farroupilhas.

Dez anos após, o relatório mensal da Unidade Técnica do mês de abril de 1982 refere-se à elaboração das etiquetas para a exposição “Garibaldi e a Revolução Farroupilha”, que ficou aberta ao público de 06/04/82 a 26/06/82. A exposição comemorativa do centenário de morte de Giuseppe Garibaldi teve um público de 4.497 pessoas. Em novembro de 1988, seis anos após, o museu registraria em relatório a realização da exposição do Bicentenário do Nascimento de Bento Gonçalves, principal figura ligada à causa dos Farrapos.

Antes de 1985, os objetos farroupilhas eram expostos na sala intitulada “Colônia-Império”, que narra o longo período de 1500 a 1889, ou seja, da Colônia até a Proclamação da República. Somente durante o Sesquicentenário da Revolução, cujas comemorações começaram no ano de 1985, o MJC, no dia 03 de setembro, inaugurou a Exposição “*Revolução Farroupilha*”, com o objetivo didático de contar a revolução de modo acessível, visando, principalmente, ao público escolar, o grande frequentador do Museu. A descrição do Informativo do MJC “História Gaúcha”, nº2, de 1985, nos apresenta parte da exposição.

Foram usados recursos visuais para chamar a atenção [...] logo na entrada foi montado um túnel onde a linha do tempo nos mostra os principais acontecimentos na Europa, América, Brasil e Rio Grande do Sul, ocorridos antes da revolução e que influenciaram e levariam ao movimento de 35, além dos marcos históricos dos 10 anos seguintes até o acordo de paz em 1845. [...] textos foram colocados em expositores iluminados, assim o visitante pode ler e entender o



processo revolucionário enquanto percorre a exposição e olha o acervo existente da época como os suspensórios de Bento Gonçalves, o manuscrito do Hino republicano, um pala de Garibaldi [...].Um painel com o mapa do Rio Grande e algumas perguntas sobre a revolução também foi instalado. Ao ler a questão o visitante tenta responde-la e para conferir é só apertar o botão correspondente e a resposta aparece no mapa através de lâmpadas que acendem (JULIO DE CASTILHOS, 1985.:23).

No mesmo ano, o MJC preparou exposições itinerantes para percorrer o Estado do Rio Grande do Sul. Quatro exposições fotográficas referentes ao acervo Farroupilha exposto no Museu foram montadas em painéis para percorrer um número maior de locais e permitir que mais pessoas tenham acesso a esse material. A publicação faz referência a cerca de 15.000 pessoas que já visitaram essas exposições (JULIO DE CASTILHOS, 1985: 23). Dentre os locais em que foram apresentadas as exposições Farroupilhas, estavam o Clube do Professor Gaúcho, Museu Antropológico Caldas Jr., de Santo Antônio da Patrulha, São Luiz Gonzaga, Museu Oswaldo Aranha de Alegrete, Escola Estadual D. Pedro I (JULIO DE CASTILHOS,1985: 21).

Outro evento em que o MJC trabalha com a temática da Revolução Farroupilha, ocorreria em 02 de setembro de 1998. Juntamente com a Diretoria de Atividades Culturais/ALRS, o MJC apresenta, no Solar dos Câmara, a exposição de documentos e objetos históricos, tendo o título de “Farroupilha: uma revolta nacionalista”. Essa pesquisa não manteve foco nessa exposição, mas, sem dúvidas, com o título de Revolta Nacionalista, merece a atenção para futura pesquisas, para entender como foi montada a narrativa para dizer que Revolta Farroupilha foi nacionalista.

## Sala Farroupilha do Museu Julio de Castilhos

Agora, apresentamos a expografia da Sala Farroupilha nos meses de setembro de 2012 a novembro de 2012. Em setembro de 2015, foi refeita a visita à sala, e a exposição permanece sem alterações, apenas com o acréscimo de duas lanças, que estão expostas entre a janela e a tela de número 6 (Figura 2). O visitante tem acesso à sala de terça-feira a sábado, das 10h às 17h. As imagens abaixo mostram a sala a partir de dois pontos de vistas opostos, o que auxilia no entendimento de sua configuração.




Figura 1	Legenda	
	01. Texto de apresentação	
	02. Quadro da Casa onde nasceu Bento Gonçalves	Farroupilha
	03. Quadro do General Bento Gonçalves	Farroupilha
	04. Quadro General Antonio de Souza Netto	Farroupilha
	05. José Gomes de Vasconcellos Jardim	Farroupilha
	06. Expositor número 01	Farroupilha/ Imperial
	07. Gaveta com letra e melodia do Hino da Ex-República Rio Grandense	
	08. Expositor número 02	Farroupilha


Figura 2	Legenda	
	01. Entrada	
	02. Suporte para lanças	Farroupilha
	03. Quadro Giuseppe Garibaldi	Farroupilha
	04. Quadro Anita Garibaldi	
	05. Canhão de Salva	Farroupilha
	06. Quadro Carga de Cavalaria	

Figura 2	Legenda		
	07.	Quadro Ponte da Azenha	Farroupilha
	08.	Casa Branca	
	09	Expositor 02	Farroupilha
	10.	Texto de apresentação	Farroupilha
	11.	Expositor 01	

Precisamos lembrar que, antes de chegar aos olhos dos visitantes, os objetos que compõem uma exposição passam por uma seleção: primeiro, pela aquisição, que regula a incorporação de objetos ao acervo do museu; e em segundo lugar, pelo curador, que decide qual objeto será utilizado para compor a sua narrativa expositiva. Assim, inúmeros elementos influenciam na escolha dos objetos, dentre os quais está a formação do curador/historiador/museólogo e a escolha do público-alvo. Os profissionais que atuam em instituições museais operam com a memória social e, como consequência, com a formação da identidade. Conforme lembra Eloisa Capovilla,

aspecto importante da memória é o poder como instância solidificadora de identidades, compreende-se que a expressão coletiva da memória [...] não escape a instrumentalização dos poderes através da seleção do que se recorda e do que consciente ou inconscientemente se silencia. É precisamente nesse recorte que queremos inserir os museus e os museólogos [...] historiadores (CAPOVILLA, 2005: 266).

A exposição museológica, por meio da sua museografia, tal qual a leitura de textos e o seu percurso intertextual, faz do objeto físico um ponto de partida para outras construções e imagens mentais: “a exposição configura-se como a arte de organizar e articular essas unidades, esses objetos/signo, em discursos coerentes e significantes para a sociedade” (HORTA, 1994: 25).

Toda a exposição comunica e transmite um discurso, muitas vezes aparente, mas também, em alguns casos, de maneira mais discreta. No final dessa cadeia de elementos, quem interpreta a narrativa e o discurso da exposição é o visitante. Quando se expõe objetos, deve-se ter consciência que “os objetos não falam por si, eles não falam por nós; nós é que falamos, lemos, fazemos os nossos discursos interiores” (HORTA, 1997: 123). Assim, segundo Horta, “o poder do museu reside na possibilidade de transmitir, quase que sem palavras, pela simples arrumação do espaço, uma determinada informação. Através de atividades educativas, palestras e publicações reforça-se o discurso” (HORTA, 1997: 118).



Exposições museológicas não representam uma “verdade absoluta e imutável”, mas são, antes de tudo, visões, pontos de vista que, por muitas vezes, refletem a representação de um determinado contexto histórico.

## Conclusão

A Exposição em comemoração ao Centenário Farroupilha contribuiu para a formação do acervo referente a esse episódio. Com as datas próximas às festividades de setembro ou da comemoração do aniversário de figuras ligadas ao conflito, há uma movimentação de acervo referente ao período Farroupilha.

A temática Farroupilha é constantemente trabalhada no MJC a partir de seu acervo, dentro e fora do museu, através de suas exposições itinerantes. É possível notar que, nas exposições anteriores e igualmente na atual, os personagens expostos, em grande maioria, eram os rebeldes Farroupilhas. Assim, o Museu colabora com a formação e fortificação dos ícones regionais, ao passo que os ícones imperiais e outros grupos que participaram do evento recebem espaço muito reduzido. Incluir a figura dos imperiais e de outros grupos não basta, pois não se trata somente da inclusão de novos personagens ou dados, mas, sim, de utilizar meios que provoquem reflexões, interrogações, aprendizado e conhecimento.

Os objetos, compreendidos como patrimônio, formam um campo aberto a interpretações. Dessa maneira, os objetos mudos são condicionados às falas dos historiadores/curadores/museólogos, e essas falas devem ser avaliadas e repensadas, possibilitando a construção de novos diálogos. Assim, avaliar uma exposição, principalmente as que permanecem por um longo período, deve ser um ato constantemente acompanhado por pesquisa histórica com bases na historiografia atual junto à pesquisa museográfica e pedagógica, contribuindo para a construção de uma memória crítica. Tal procedimento de análise não é uma tarefa simples; é um desafio para os museus trabalhar com uma sociedade globalizada e caracterizada pela pluralidade e diversidade cultural. Portanto, para essa tarefa de análise, é de grande importância a participação do público para construir uma identidade coletiva.

## Referências

CAPOVILLA, Eloísa H.L. Ramos. **Museu Julio de Castilhos: trajetória histórica e perfil(parcial) de um acervo.** In: AXT, Gunter (Org.). *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano.* Porto Alegre: Nova Prata. 2005. p.265-279.



CURY, Marília Xavier: **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo - An-nablume, 2005. 162 p.

FOCHESATTO, Cyanna Missaglia de. **O Centenário Farroupilha nas Páginas da Revistado Globo – 1935.** Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=382>>. Acesso em: 29 out. 2012.

HORTA, Maria de Lourdes Pareiras. **I Seminário sobre Museus-Casas.** In: Anais do I seminário sobre Museus-Casas. Rio de Janeiro: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Semiótica e museu.** Cadernos de ensaios nº 2: Estudos de museologia. Rio de Janeiro: IPHAN. 1994. p.9-28.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da História:** a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: Anais do Museu Paulista. São

Paulo: USP. v.2 p.9-42 jan/dez 1994.

ROCHE, Jean. *L'administration de la Province du Rio Grande do Sul de 1829 à 1847.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1961.

## Arquivos e documentos do Museu Julio De Castilhos

Atas e ofícios expedidos e recebidos pelo Museu Julio de Castilhos 1933-1936. Volumes 1 e 2.

Decreto Estadual n. 589, de 30 de janeiro de 1903.

Informativo do MJC “História Gaúcha”, nº2 de 1985.

Plano de exposição do Museu, setembro de 1972. Arquivo permanente do Museu

Relatório mensal da Unidade Técnica do mês de abril de 1982. Arquivo permanente do Museu.

Relatório do setor de acervo do Museu, novembro de 1988. Arquivo permanente do Museu